

Tema 34

Situações de Aprendizagem

Com Enxada Hóide



REFLETINDO SOBRE A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA ESCOLA

A palavra *escola* vem do grego e significa “espaço do ócio” (ALVES; PRETTO, 1999), ou seja, para os gregos este espaço deveria ser local de lazer, descontração e, portanto, prazer. Definitivamente, o espaço denominado “escola” pelos gregos era bem diferente do que entendemos como escola hoje. Qualquer local onde eles pudessem se reunir e debater ideias poderia ser considerado uma escola. Era um espaço livre, onde o sujeito ia quando queria, permanecia o tempo que julgasse necessário e debateria temas que fossem definidos em conjunto com seu mestre. A prática escolar, para os gregos, estava mais associada ao livre interesse do aluno do que à prática repetitiva e orientada a uma determinada formação técnica.

Foi na Idade Média que o espaço escolar começou a adquirir a conotação que tem hoje. O homem medieval saía de sua casa para se dirigir a outro local específico, onde obteria conhecimentos específicos sobre determinada técnica de produção, fabricação ou conhecimentos orientados para o trabalho (KOSMINSKY, 1990). Com o surgimento da burguesia mercantil, já no final desse período, a escola e a universidade passam a ser espaços privilegiados de obtenção do conhecimento. Os debates perdem espaço para a instrumentalização do ensino. O espaço escolar passa a ser local de aquisição de saberes e técnicas.

É nesse momento, também, que se cunha o termo “escola”. Em uma sociedade muito marcada pela íntima ligação entre religião e política, a escola foi construída para ser orientada como um espaço de formação técnica, mas também religiosa, sendo presidida pelo *scholasticus*, ou eclesiástico, clérigo responsável pela formação religiosa dos habitantes de uma paróquia (BLOCH, 1999). A burguesia medieval logo enxerga nesse espaço um local

ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

GLAUCO DE SOUZA SANTOS



de ascensão social e de obtenção de *status*, visto que começava a se transformar a ideia de que só poderia atingir o topo da sociedade quem tivesse sangue nobre. O dinheiro e o *status* social eram de importância relevante nesse final de Idade Média. Assim, a escola se torna a escada ("*scolae scalae*") que possibilita ao indivíduo adquirir conhecimentos para escalar a pirâmide social (MODERNOS..., 2004).

Nessa caminhada da construção do espaço escolar que conhecemos há um último e importante passo: a organização desse "local do conhecimento". Somente no século XVIII começam os primeiros experimentos de pensar a formação básica do ser humano em uma larga escala. A Revolução Industrial transformou não só o modo de produção, mas também as relações sociais. Era preciso uma massa de trabalhadores que tivesse um mínimo de instrução necessário para operar as máquinas e otimizar o processo de produção. Nesse sentido, não fazia mais sentido apenas uma elite privilegiada ter acesso a conhecimentos como ler, escrever e contar, que deveriam estar disponíveis a toda a população proletária das cidades (IGLÉSIAS, 1981). Vale aqui destacar que a escola, como espaço de aprendizado, é um ambiente essencialmente urbano.

Foi nesse contexto de industrialização das cidades europeias que começou a se pensar em um ensino básico para toda a população.¹ Para ampliar o ensino, precisava-se pensar a escola como um espaço de treino para a indústria, seguindo o mesmo modelo que se aplicava nas fábricas: produção em larga escala, trabalhadores segmentados em seções e produção voltada a resultados mensuráveis. No século XIX, a partir do modelo prussiano,² o espaço escolar passa a atender um número cada vez maior de alunos, com salas de aula que deixam de misturá-los em várias idades e passam a atender, em cada série, a uma idade específica. O aluno é avaliado de maneira padronizada, visando estabelecer quem pode prosseguir na cadeia evolutiva da escola e quem deve ser retido para reaprender o conteúdo daquela série. A escola deixa de ter amplos espaços comunitários para se segmentar em diversas salas de aula, onde se define até mesmo quando e onde o contato entre alunos deve ser feito. A disciplina se torna papel principal na formação desse indivíduo, que será um futuro operário-padrão. O professor deixa de trabalhar junto com o aluno para ser disseminador de informações, fiscal e avaliador do progresso individual. O espaço escolar se torna meio de organização social.

¹ Os filósofos iluministas (e sua defesa pela instrução pública) podem ser enxergados como um reflexo da demanda que se fazia necessária nesse momento da Revolução Industrial.

² Para um aprofundamento nesse modelo de espaço escolar, sugerimos assistir ao filme *A educação proibida*.

A partir dessa breve introdução histórica, é perceptível que o espaço escolar foi e é objeto primordial na confecção do tipo de ensino que se espera praticar. Ele limita determinadas ações "indesejáveis" naquele tipo de prática estudantil, mas também pode criar inúmeras possibilidades de interação entre alunos, entre eles e o professor e entre eles e os objetos de aprendizagem.



Nos últimos 30 anos, o mundo passou por profundas transformações, assim como as formas de produção e as relações humanas; contudo, o espaço escolar continua formatado para atender às demandas de uma sociedade que não existe mais.

Como, então, buscar práticas pedagógicas diferenciadas em um espaço que atendia velhas demandas? "Isso quer dizer que a mudança da pedagogia centrada no ensino para a pedagogia centrada na aprendizagem exige uma reelaboração do significado do espaço da aula" (SILVA; PEREZ, 2012, p. 125). A implantação de qualquer atividade ou método pedagógico que seja diferente da aula expositiva centrada na figura do professor merece uma revisão do espaço da sala de aula. E por que não repensar o espaço escolar? Mais ainda: seria a escola o único espaço de aprendizagem?



ESPAÇO, ENSINO E APRENDIZAGEM

Em uma aula de história, o professor explicava sobre um dos temas mais importantes para os alunos do 7º ano: Renascimento. Eis que, ao falar dos grandes pintores desse período, um aluno se mostra muito interessado em ver os quadros e murais criados por Michelangelo. O professor se vê em um momento de crise. Por um lado, achou a ideia do estudante excelente, afinal os alunos não só poderiam conhecer uma obra de arte do Renascimento, mas ver todas as técnicas de pintura que ele havia explicado, potencializando o aprendizado. Por outro, na sala não há projetor, e o docente sabe que a sala de informática é disputada "a faca" pelos professores (provavelmente está sendo utilizada por outra turma). O que fazer?

Com certeza, você, professor, já passou por situações semelhantes a essa. Há muito material interessante na internet que pode ser usado em sala de aula para ampliar o aprendizado dos alunos. Existem também vários vídeos-aula e ferramentas *on-line* (como jogos, *quizzes*, testes) que poderiam ajudar seu aluno a aprender mais e em seu próprio ritmo. Mas até que ponto conseguimos trazer essas ferramentas para nossa escola?

O espaço, na maioria das instituições de ensino, foi construído para atender a um tipo de ferramenta didática: a aula expositiva. Todos os alunos sentados em suas carteiras individuais, enfileirados, com foco na figura do professor, que profere um discurso na frente da sala. A lousa, aparato “moderno” (no século XVIII), dá sustentação à explanação do mestre. Esse espaço estimula a obediência, a concentração em quem fala na frente e a repetição e cópia do que é palestrado. Hennings afirma que o espaço de aprendizagem “[...] fixa de modo permanente as atividades a realizar, já que afeta o comportamento das pessoas dentro desse espaço e a maneira como se comunicarão umas com as outras” (HENNINGS, 1978 apud ZABALZA, 1998, p. 246). A sala de aula atual, portanto, é um espaço válido para esse tipo de atividade, mas não deve ser o único.

Como vimos no início deste capítulo, as mudanças pelas quais a sociedade passou nas últimas décadas nos levaram a demandar uma nova escola.



Os alunos do século XXI, das chamadas geração Y ou Z, aprendem por múltiplos canais de informação, utilizam várias ferramentas que dinamizam o aprendizado e querem poder instrumentalizar seu ensino com a tecnologia que já utilizam para se comunicar e se relacionar com seus amigos. É uma geração que não só ouve, mas fala, critica e constrói.

Nesse sentido, a escola precisa ser repensada com vistas a criar vários espaços onde o aluno possa aprender a partir de uma aula expositiva, uma roda de debate, uma leitura, etc., a fim de experimentar aquilo que aprendeu na teoria. “A ideia de espaço faz alusão, mais do que aos componentes isolados que o formam, à particular relação que se estabelece entre ele e as pessoas que o frequentam” (ZABALZA, 1998, p. 241). Cada espaço deve permitir ao aluno utilizar diferentes ferramentas para que busque seu melhor caminho rumo ao completo aprendizado. O espaço funciona como um impulsionador e facilitador para o processo de ensino e aprendizagem do estudante. Para adaptar a escola a esses novos alunos, algumas instituições preferiram recomeçar do zero, derrubar paredes e repensar todo o espaço escolar. Contudo, essa “revolução” não é a única solução; basta que o professor repense o espaço da sala de aula como um dos espaços para a prática do ensino, complementar a outros espaços da escola, como o laboratório de informática, a biblioteca, o pátio, etc. A sala de aula também pode ser reconfigurada de acordo com as atividades propostas pelo professor. Para isso, é necessário que o docente faça um levantamento prévio do nível de aprendizado dos alunos e das ferramentas mais adequadas para que todos possam ter

éxito na assimilação daquele conteúdo. Após essa etapa, o professor pode refletir sobre qual espaço é mais adequado para a prática daquela atividade específica ou como poderia reconfigurar o espaço da sala de aula.



ESPAÇO ESCOLAR: ALUNOS COMO CENTRO DAS ATENÇÕES

Nessa mudança de paradigma sobre a forma de ensinar para alunos do século XXI, o espaço de aprendizagem tem papel importante.



Se eu considero que as crianças são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, que aprendem a partir da manipulação e da experimentação ativa da realidade e por meio das descobertas pessoais; se, além disso, entendo que “os outros” também são uma fonte importante de conhecimento, tudo isso terá reflexos na organização de minha sala de aula: tendo espaços para o trabalho em pequenos grupos, distribuindo o mobiliário e os materiais para que as crianças tenham autonomia e “enchendo” o espaço de materiais que despertem o interesse infantil para manipular, experimentar e descobrir. (ZABALZA, 1998, p. 249).

A sala de aula ou os demais espaços escolares precisam ser pensados pelo professor de maneira que se integrem a partir das atividades que os alunos irão realizar. Apesar das paredes, o espaço não é fixo e pode ser configurado e reconfigurado para que se adapte ao processo de ensino e aprendizagem. Diferentemente do modelo massificado de ensino ao qual estamos acostumados, não é o aluno que deve se adaptar ao espaço, mas este adaptar-se àquele, como afirma Zabalza (1998, p. 255): “[...] o núcleo básico de um modelo de funcionamento não está constituído pela sala de aula nem pelas matérias, e sim pelas atividades”.

A escola do passado (e que ainda resiste e persiste no presente) era pautada pela massificação do ensino, pela lógica do “eu sei e você está aqui para aprender comigo”. Assim, seu espaço foi e está todo configurado para atender dois tipos de atividades: a audição à palestra do professor e a pesquisa em bibliotecas e laboratórios de informática para complementar a aula expositiva. No fim, esse espaço atinge o objetivo de centrar a atenção no fi-

gura do docente, tido até então como detentor universal do conhecimento, fonte de todas as informações possíveis nesse mundo.

Com o advento da internet e, principalmente, das redes sociais e dos espaços colaborativos *on-line*, um mundo vem sendo desconstruído. Não podemos mais imaginar a escola como o único “espaço do saber”, o professor como a única fonte de informação confiável e a biblioteca como o arquivo de dados sobre o mundo. No lugar da escola, abriu-se o mundo; o docente se tornou mais uma fonte de informação, entre as tantas que a internet nos possibilita (incluindo vídeos-aula de outros professores); e a biblioteca perdeu espaço para fontes de informação *on-line*, como a Wikipedia ou o Google Books, por exemplo. O aluno, sem perceber, não vai mais à escola para adquirir conhecimento, afinal ele pode fazer isso em casa, no seu computador, *tablet* ou celular. “A internet e suas possibilidades de contato com o mundo podem ser entendidas como recurso e também canal de abertura para espaços pedagógicos infinitos”, afirmam Silva e Perez (2012, p. 124). Mas, então, qual é o papel do espaço escolar?



A escola passa a ser local de produção e significação do conhecimento, além de ser espaço privilegiado de relações humanas. O aluno do século XXI frequenta esse ambiente não para buscar informações, mas para ter orientação de um professor sobre como usar e organizar esse mar de dados para atingir um objetivo específico.

Quantas vezes não nos deparamos com estudantes que chegam à nossa aula já com informações sobre determinado assunto, como corpo humano, acontecimentos históricos ou eventos climáticos, as quais ele obteve da internet? Muitas vezes, esses alunos estão sedentos por saber se aquilo é verdade e como pode afetar suas vidas. O espaço escolar deixa de se localizar no início do processo de ensino e aprendizagem para se posicionar no meio e no final desse processo.

Isso posto, podemos perceber que os sistemas de ensino têm buscado se adaptar a essa ressignificação do espaço escolar. Da massificação, passamos à personalização do ensino. O aluno deixa de ser enxergado como um número e passa a ser entendido pelas suas habilidades e competências. O professor desce do palco na frente da sala e senta ao lado do aluno para observá-lo, avaliá-lo constantemente e orientá-lo. As atividades deixam de ser únicas para todos os alunos e se transformam em tarefas personalizadas para cada grupo de indivíduos, segundo seu nível de proficiência naquela disciplina e/ou conteúdo.



A forma como organizamos e administramos o espaço físico de nossa sala de aula constitui, por si só, uma mensagem curricular, reflete o nosso modelo educativo [...]. A forma como organizamos os espaços a cada uma de suas áreas e elementos reflete direta e indiretamente o valor que lhe damos e a função que lhe outorgamos e, além disso, diz muito em relação ao tipo de comportamento instrutivo e transmite o que esperamos de nossos alunos(as). (ZABALZA, 1987, p. 124).

Para esse modelo de ensino personalizado, o espaço escolar não pode mais ter como centro a aula expositiva, o professor e a simples obediência, mas deve se adaptar às peculiaridades de cada atividade e de cada aluno. Se um grupo de estudantes precisa de exercícios de reforço em matemática, por que não, por exemplo, organizar um canto da sala ou do laboratório de informática em que possam assistir a vídeos-aula da Khan Academy ou realizar uma lista de exercícios mais básicos a fim de solidificar o conteúdo antes de partir para um nível mais avançado? Se tenho alguns alunos que precisam melhorar sua leitura e interpretação de textos, preciso repensar minha sala de aula ou utilizar a biblioteca da escola, criando um espaço silencioso e que possibilite a concentração.



É importante notar que nem todos os estudantes da sala de aula têm a mesma necessidade de aprender ou reforçar determinado conteúdo; logo, o professor não pode pensar em aplicar a mesma atividade em um mesmo espaço para todos os alunos ao mesmo tempo.


Muitas vezes, notamos que alguns alunos terminam rapidamente uma atividade e ficam ociosos, enquanto outros precisariam de mais tempo para concluí-la. Nesse sentido, o espaço da sala de aula e os múltiplos ambientes da escola devem ser pensados como partes do processo de aprendizagem que o estudante percorrerá. Na sala, ele terá três ou quatro espaços com atividades diferentes em níveis distintos; no laboratório de informática, os alunos com dificuldades de aprendizagem poderão usar ferramentas *on-line* para re-aver conteúdos anteriores ou reforçar o conteúdo atual; e na biblioteca, aque-

les que fizeram com facilidade as tarefas da sala de aula poderão se aprofundar em atividades mais complexas. Mas como o professor dará conta de tantas atividades diferentes? A tecnologia se torna aliada e também transformadora do papel do docente.



CONSTRUINDO O ESPAÇO PARA O ENSINO HÍBRIDO

O ensino híbrido, como já exposto nos demais capítulos deste livro, insere a tecnologia no espaço escolar, sem a necessidade de derrubar paredes, mas quebrando as velhas formas de se enxergar o ensino. Ao contrário do que muitos afirmam, a tecnologia aproxima o professor do aluno e os estudantes entre si. O uso de equipamentos como o computador, o *tablet* e o *smartphone* libera o professor para atuar como orientador e avaliador de seus alunos, aproximando-o muito mais da realidade de cada um, como bem observa Zabalza (1998, p. 131) quando afirma que:



O centro de atenção já não é o que há no quadro-negro, mas o que está acontecendo no campo dos alunos. Esse simples deslocamento põe em dúvida muitas das formas habituais de se relacionar em classe, mas questiona consideravelmente o cenário. O que interessa não é o que mostra o quadro, mas o que acontece no terreno das cadeiras e, mais concretamente, em cada uma das cadeiras.

Nessa mudança do foco do quadro negro para as cadeiras, a tecnologia tem papel fundamental na transformação do espaço escolar, afinal, como vimos, o ambiente deve ser orientado e adaptado com vistas às atividades que o professor organiza a fim de atender às necessidades de aprendizado de seus alunos. Nesse ponto entra o ensino híbrido, que atua como uma ponte entre a estrutura de espaço escolar que temos para uma futura grande ruptura nesse espaço. Com a tecnologia, o professor pode gerenciar os diversos grupos e suas atividades, além de avaliá-los de forma mais rápida e pro-

funda. A tecnologia também possibilita ao professor transformar a sala de aula em um grande laboratório de informática ou de ciências, ou em uma biblioteca virtual, dependendo da criatividade e da necessidade de aprendizado de seus alunos.

Não há uma regra a ser seguida, mas alguns passos são fundamentais para se iniciar a transformação do espaço da sala de aula rumo ao ensino híbrido.

Passo 1: avaliação dos alunos

Toda atividade, seja de ensino híbrido ou não, deve começar com uma avaliação diagnóstica dos alunos. Como ensinar um conteúdo se o professor não conhece seus alunos, suas dificuldades de aprendizado e suas potencialidades? Nesse sentido, torna-se necessário avaliar os estudantes antes de cada etapa nova do trabalho no processo de ensino e aprendizagem. Essa avaliação, seja por meio de uma prova, de um trabalho em grupo ou da observação e anotação do professor, dará subsídio para que a atividade que será proposta aos alunos seja mais efetiva e tenha maior assertividade.

Passo 2: planejamento das atividades e dos grupos

Com os resultados da avaliação diagnóstica, o professor poderá pensar as atividades sobre determinado conteúdo, diferenciando-as em segmentos de proficiência dos alunos da turma em questão. Se há muitos estudantes com um nível inicial das habilidades e competências exigidas para aquele conteúdo, é necessário planejar uma atividade de revisão ou reforço antes de uma tarefa de aprofundamento no novo conteúdo. Se a sala possui uma heterogeneidade razoável, o professor pode pensar em dois ou três tipos de atividades segundo os níveis de proficiência da classe, com etapas pelas quais os alunos podem avançar ao longo de um tempo determinado. A tecnologia tem papel fundamental para prover ao docente ferramentas *on-line* que possibilitem essa diversidade de atividades para cada grupo de estudantes. Algumas delas, como a Khan Academy, permitem ao aluno aprender matemática assistindo a vídeos-aula, realizando exercícios e avançando em níveis do conhecimento daquele conteúdo de forma autônoma. Isso libera o professor para avaliar os dados de aprendizagem do estudante produzidos pelo sistema.

Passo 3: planejamento do espaço de aprendizagem

A partir do planejamento das atividades das turmas, o professor está pronto para pensar nos equipamentos necessários e na formatação que dará ao ambiente escolar.



Vale lembrar que os espaços da escola e da sala de aula, apesar de suas paredes de concreto, não são fixos nem devem ser delimitadores do trabalho do professor.

Mesmo com um espaço moldado para uma realidade escolar antiga, o professor do século XXI pode utilizá-lo de forma a atender às demandas de estudantes do século XXI, devendo observar que

[...] o ensino centrado no aluno, a atenção à aprendizagem significativa e a ênfase na pedagogia da pergunta passam a exigir novos espaços de aprendizagem e, mesmo considerando o espaço tradicional da sala de aula, são necessários uma revisão e novos procedimentos. (SILVA; PEREZ, 2012, p. 125).

Se o laboratório de informática não está disponível ou não existe, por que não trazer os equipamentos para dentro da sala de aula? *Tablets*, *notebooks* e *smartphones* podem servir de suporte para as atividades, tanto para simples pesquisas como para acessar ferramentas *on-line* que possibilitem ao estudante assistir a um filme ou jogar um *game* educativo. A sala de aula deve ser pensada para que existam espaços onde cada atividade planejada possa ser realizada. Um canto para leitura de um texto selecionado pelo professor ou para os alunos assistirem a um vídeo-documentário; outro onde as carteiras são agrupadas em dupla para que os alunos realizem uma atividade *on-line* de pergunta e resposta; e um terceiro local onde se possa colocar tapetes que deem oportunidade aos alunos de se sentar no chão e jogar um *game on-line* que vai ajudar a fixar aquele conteúdo. Nesse tipo de formatação do ambiente, os alunos devem ter livre circulação para que escolham a atividade pela qual querem começar e, uma vez concluída, possam mudar rapidamente de espaço.



O espaço da sala de aula funciona melhor para as crianças quando está dividido em diferentes áreas de trabalho. Essas áreas ajudam as crianças a ver quais são as suas opções, já que cada área oferece um conjunto único de materiais e oportunidades de trabalho. (HOHMANN; BANNET; WIKART, 1990, p. 58).

No caso de existência de espaços anexos à sala de aula, como o laboratório de informática, a biblioteca e o laboratório de ciências, o professor pode pensar o ambiente da sala como uma etapa das atividades a serem realizadas pelos alunos. Eles começam aí, e cada aluno que terminar a primeira tarefa dirige-se ao laboratório de informática ou à biblioteca, onde realizará outra atividade, geralmente de aprofundamento e que ele possa fazer sozinho, sem a ajuda do professor, que continuará na sala, orientando os demais. Para isso, o docente precisa pensar o espaço da escola como um todo – se há possibilidade de integração da sala com os laboratórios, se há liberdade para esse tipo de atuação nas regras da instituição ou se a equipe escolar pode auxiliá-lo nesse trabalho.

Passo 4: integração da equipe escolar

Antes da aplicação das atividades, caso o professor necessite utilizar espaços diversos à sala de aula, é necessária a integração com parte da equipe escolar. Realizar parte da atividade no laboratório de informática pressupõe um acordo com o instrutor ou professor responsável, para que observe o trabalho dos alunos e dê suporte quanto a possíveis questões técnicas. Até que os estudantes se acostumem com esse tipo de atividade, é importante que sempre haja alguém observando se eles estão fazendo aquilo que foi combinado, uma vez que o professor não está presente.

Passo 5: implementação

Por fim, após a prévia avaliação, o planejamento dos grupos e das atividades e a formatação do(s) espaço(s) onde os alunos atuarão, o professor está pronto para aplicar a atividade, que pode durar uma aula ou várias sema-

nas, se for um projeto amplo. É sempre importante ressaltar que, para cada atividade, refaçam-se esses passos, pois um conteúdo pode exigir mais tempo dos alunos na biblioteca, enquanto outro pode demandar mais tempo no laboratório de informática, e um terceiro, que os alunos tenham uma pequena exposição do professor em sala.



Lembre-se: apesar das aparências, os espaços da escola são sempre flexíveis e dinâmicos, variando de acordo com a atividade que o docente propor.



ALGUMAS POSSIBILIDADES: DEPOIMENTO

Para exemplificar a implantação do ensino híbrido, relatamos dois modelos de atividades que podem servir como introdutórios à prática. Para as aulas de história dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, foi proposta a utilização dos modelos de sala de aula invertida e de rotação por estações.

No primeiro modelo de atividade em ensino híbrido, o aluno inicia o processo em casa, assistindo a um vídeo-aula, por exemplo, e pratica o conteúdo aprendido em sala de aula sob a orientação do professor – por isso o nome “sala de aula invertida”. Dessa forma, espera-se que o estudante possa utilizar o tempo que precisar para aprender determinado conteúdo. Para que os alunos se inteirassem sobre os regimes totalitários da Europa no início do século XX, foi organizado e gravado um vídeo-aula explicando como o nazismo e o fascismo se utilizaram da propaganda, da educação e dos esportes para massificar suas ideologias. Foi solicitado que assistissem ao vídeo em casa e fizessem todas as anotações que considerassem oportunas. Na aula seguinte, no laboratório de informática, eles responderam a dois tipos de questionário: um de múltipla escolha e outro com questões subjetivas. Alguns precisaram recorrer outra vez ao vídeo, outros responderam diretamente com suas anotações. Alguns alunos conseguiram resolver as questões sem auxílio do professor, mas outros precisaram de orientação. O mais importante dessa modalidade de ensino híbrido é possibilitar ao estudante autonomia no aprendizado, pois ele conduz o ritmo e a busca de informações que precisa para aprender. Nesse modelo, a casa do aluno virou sala de aula, e esta, local para a prática daquilo que aprendeu.

O segundo método de ensino híbrido aplicado consistiu na rotação por estações, em que os alunos têm à disposição três ou quatro ativi-

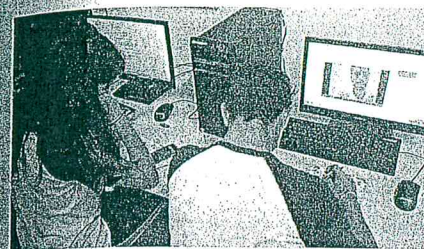


FIGURA 5.1

Implantação do método sala de aula invertida.

des diferentes em espaços distintos (estações) na sala de aula ou no laboratório de informática. As tarefas podem ser complementares ou sobre o mesmo assunto, mas com abordagens diferentes. O estudante pode escolher por qual estação vai começar. Terminando a atividade daquela estação, o professor avalia os resultados (ou o próprio aluno, caso utilize uma ferramenta *on-line* que ofereça *feedback*), e o estudante se dirige para outra estação, até finalizar o percurso. É possível colocar estações extras para aqueles que tenham maior domínio sobre o assunto e terminem mais rápido a atividade ou para reforçar o conteúdo, caso o aluno sinta a necessidade de estudar mais.

Na atividade ilustrada na Figura 5.2, as turmas da 1ª série do ensino médio foram organizadas para estudar as diferenças entre as sociedades de Atenas e Esparta. Para isso, criaram-se quatro estações. Na estação azul, os alunos deveriam realizar uma pesquisa direcionada comparando a organização social nas duas cidades. Eles receberam uma tabela com os dados a serem pesquisados e preenchidos. Na amarela, eles precisavam assistir a um vídeo-documentário sobre a educação das crianças em Atenas e em Esparta e responder a questões dissertativas. Já na verde, deveriam ler um breve texto no livro digital e responder às questões de múltipla escolha do próprio livro. Por fim, foi organizada uma estação extra para aqueles que terminassem a atividade antes do fim da aula, que continha questões de vestibulares para praticar o conteúdo aprendido.

Alguns alunos chegaram até a estação extra, outros precisaram levar a atividade para terminar algumas questões em casa, mas a maioria conseguiu realizá-la em sala de aula. Muitos precisaram da orientação do professor, que nesse momento pôde analisar quais precisavam de um reforço naquele conteúdo e quais tinham maior facilidade. O ensino híbrido possibilita, além de outros aspectos, a proximidade da relação professor-aluno, uma vez que o docente precisa sentar ao lado de cada estudante para orientá-lo e observar sua produção.

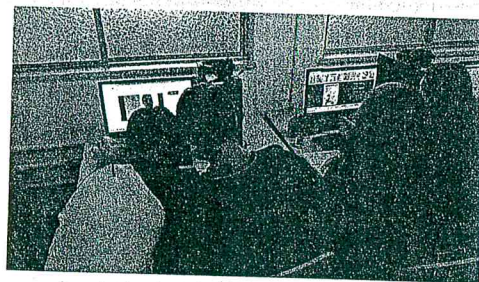
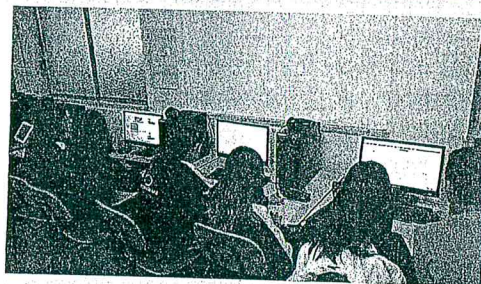
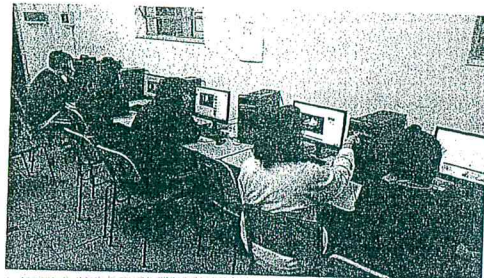


FIGURA 5.2
Implantação do método rotação por estações.



Quando é o aluno quem está dirigindo seu aprendizado, cabe ao professor o papel de orientador e avaliador constante.

O espaço da sala se altera de forma natural, uma vez que não são mais necessárias a aula expositiva e a simples audição.



UMA ESCOLA COM A CARA DOS SEUS ALUNOS

Você já deve ter notado que o ensino híbrido possibilita não só repensar o espaço da sua sala de aula, mas também abre portas para uma transformação maior no espaço escolar. Quando falamos que o ensino híbrido é ponte, é justamente porque possibilitará levar esse modelo de estrutura escolar ultrapassado para um que seja mais adaptável ao mundo contemporâneo. Ele não é um fim em si mesmo, mas um caminho para se chegar lá.

Quando o professor se esforça para enxergar a sala de aula como um espaço de aprendizagem diferente daquele para o qual ela foi projetada, está provocando uma pequena disrupção no modelo atual de ensino. E qualquer pequena mudança provoca ondas de transformação. Zabalza (1987, p. 122) afirma que



[...] não podemos estar na nossa de aula como quem está em uma casa alugada na qual nada pode ser modificado. Muito pelo contrário, a sala de aula é um dos principais instrumentos com os quais contamos para desempenhar a nossa tarefa de educadores(as).

Propor atividades nas quais os alunos possam se movimentar na sala de aula, mover o mobiliário ou se direcionar para outros locais da escola necessariamente implicará também repensar os mais diversos espaços dentro do ambiente escolar.

Para iniciar essa onda de transformações, acreditamos haver apenas um caminho, que se inicia com a mudança da sala de aula do professor engajado no ensino híbrido. Cada docente é livre para escolher a melhor forma de atuar com seus alunos visando encontrar maneiras mais eficazes de ensino e de aprendizado. Ao transformar sua sala em um ambiente de ensino híbrido, onde celulares e *tablets* não sejam proibidos, mas bem-vindos, onde alunos não passem cinco horas por dia sentados enfileirados ouvindo os professores, mas passem a se movimentar pela sala, sentados em duplas, grupos ou pesquisando individualmente em um canto da peça, o professor estará dando o pontapé inicial para deixar a massificação do ensino de lado e partindo para um caminho sem volta rumo à personalização do ensino –

e, como vimos na introdução deste capítulo, a configuração do espaço de aprendizagem tem papel fundamental nessa trajetória.

A experiência bem planejada e executada de um professor pode servir de exemplo de sucesso para os demais, bem como para a equipe gestora, os quais, muitas vezes, estão ávidos por encontrar técnicas e meios de engajar e empoderar seus alunos no processo de aprendizagem. Ao movimentar objetos, móveis e alunos, o professor enfrentará resistência por parte daqueles que, muitas vezes por insegurança, se apegam ao modelo de espaço escolar atual, mesmo sabendo que este não mais atende à demanda dos estudantes, como afirmam Silva e Perez (2012, p. 122):

[...] a ação didática do professor em sala de aula e em outros espaços pedagógicos não pode ser ditada pelos recursos. Isso faz parte da crítica muitas vezes feita ao apego excessivo ao livro didático, por exemplo, que acaba – ele próprio – tornando-se a aula.

Contudo, é preciso persistir, adequar-se à sua nova função dentro desse espaço e encontrar os resultados de aprendizagem dos alunos. Só com os resultados práticos é que se torna possível quebrar as resistências e avançar rumo à reformulação de outros espaços dentro da escola, a fim de chegar ao ponto de toda a comunidade escolar estar engajada nessa transformação.



Para outros depoimentos
sobre como organizar
o espaço, acesse:



<http://www.ensinohibrido.com.br/espaco>



O ESPAÇO DE APRENDIZAGEM IDEAL

Há um espaço ideal, um modelo padrão para que o ensino híbrido germine e dê bons frutos? Não. Assim como tudo em educação, nunca há um modelo a ser seguido à risca em todos os lugares, com todas as turmas e todos os alunos. O ser humano é dinâmico, e, por isso, a forma como uma criança aprende hoje não será a mesma amanhã. Além disso, deve-se levar em conta as diferentes realidades sociais e escolares do Brasil.

Mesmo assim, vale a pena termos em mente algumas experiências que vêm dando certo. Elas nos ajudam como um norte a ser alcançado. Nos Estados Unidos, as escolas da rede Summit³ têm adotado um modelo de personalização do ensino em que as salas de aula estão montadas visando aproximar alunos em trabalhos conjuntos, sempre com uso da tecnologia. No mesmo país, há uma organização não governamental, a New Classrooms,⁴ que faz parcerias com algumas escolas para repensar o espaço dessas instituições como foco na individualização e personalização da aprendizagem, disponibilizando *softwares* em que cada aluno possa aprender no seu ritmo com atividades que possibilitem um aprendizado mais adequado às suas habilidades.

Já no Brasil, um projeto de reformulação do espaço escolar inspirador é o GENTE,⁵ do Rio de Janeiro. O GENTE faz parte de um projeto amplo chamado GEC (Ginásio Experimental Carioca), o qual experimenta inovações pedagógicas e as leva para toda a rede municipal de educação. As escolas que fazem parte do GENTE foram todas reformuladas, partindo do pressuposto de que o aluno do século XXI precisa de espaços múltiplos de aprendizagem, cada qual com configurações móveis que possibilitam o desenvolvimento de atividades diversas. Podemos citar também outro projeto de sucesso, o Âncora.⁶ Com uma pedagogia totalmente reformulada, em suas unidades, todos os espaços tradicionais que estamos acostumados foram repensados, e o processo de ensino e aprendizagem ocorre em qualquer lugar dos mais de 11 mil metros quadrados, incluindo amplas áreas verdes, quadras de esporte, circo, salões de estudo equipados com livros didáticos e computadores, refeitórios, pista de skate, salas de música, de dança e de artes, bem como uma biblioteca. É a revolução do espaço escolar.⁷

³ Para mais informações, acesse: <http://www.summitps.org>.

⁴ Conheça o projeto em: <http://www.newclassrooms.org/index.html>.

⁵ Para saber mais, acesse: <http://gente.rioeduca.net>.

⁶ Mais informações em: <http://www.projetoancora.org.br>.

⁷ Para conhecer mais sobre o projeto Âncora e a revolução do espaço escolar, sugerimos assistir ao vídeo-documentário *Quando sinto que já sei*.

Essas são algumas das várias instituições que têm se transformado para atender ao ensino personalizado. Se houvesse um padrão para seguirmos, cairíamos de novo nessa estrutura de ensino massificado que temos, em que todas as escolas são iguais, independentemente das diversidades existentes nas várias regiões do país e até mesmo dentro delas. Quem vai estabelecer como sua sala de aula estará organizada será você, com base nas atividades que pretende realizar para que seu aluno possa escolher seus caminhos de aprendizagem.



REFERÊNCIAS

- ALVES, L. R. G.; PRETTO, N. Escola: um espaço de aprendizagem sem prazer? *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 16, p. 29-35, 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36878/39600>>. Acesso em: 11 mar. 2015.
- BLOCH, M. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HENNINGS, D. G. *El dominio de la comunicación educativa*. Madrid: Anaya, 1978.
- HOHMANN, M.; BANET, B.; WIKART, D. P. Niños pequeños en acción. Trillas, México, 1990.
- IGLÉSIAS, F. *A Revolução industrial*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KOSMINSKY, E. A. *História da idade média*. São Paulo: Centro do Livro Brasileiro, 1990.
- MODERNOS historiadores revelam uma nova visão do mundo medieval, distante da Idade das Trevas. *História Viva*. São Paulo: Duetto, n. 5, mar. 2004.
- SILVA, M. H. A.; PEREZ, I. L. *Docência no ensino superior*. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.
- ZABALZA, M. A. *Didáctica de la educación infantil*. Madrid: Narcea, 1987.
- ZABALZA, M. A. *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.